

## NGUNGA E NDALU, DOIS OLHARES INFANTIS SOBRE ANGOLA

ROBERTA GUIMARÃES FRANCO

Muitos são os romances angolanos que pretendem através de sua narrativa contar, recontar e conservar a história de seu povo, reavivando a memória para os acontecimentos importantes no processo de resistência à colonização, descolonização e mesmo guerra civil. Estes textos literários dialogam com a história e com a memória, na tentativa de constituir uma identidade nacional, mesmo após tantos anos de dominação. A literatura assume o papel de recuperar as várias realidades para poder torná-las ficção:

Desde 1934, quando António de Assis Jr. Publicou *Os segredos da morta* (romance de costumes angolenses) a primeira obra do gênero na literatura angolana, a trajetória do romance em Angola vem deixando nítida a vontade de seus autores de, através da literatura, colocarem em prática um projeto de investigação sobre as realidades que compõem o país. Potencializando a sua capacidade de analisar com certa dose de objetividade a matéria artisticamente transfigurada, o romance, naquele sistema literário, aproveita-se de senso de historicidade que também o define como gênero para oferecer ao leitor um instigante painel das múltiplas faces que particularizam o país. (Chaves, 1999, p. 21)

Trinta anos separam as publicações de “As aventuras de Ngunga” (Pepetela, 1973) e “Bom dia camaradas” (Ondjaki, 2003). Mais do que a distância temporal, as obras diferem na sua finalidade e são marcadas por mudanças ocorridas na história de Angola. A

história de vida de seus autores também é bastante diversa: Pepetela, nascido em 1941, participou ativamente do processo de independência do país como membro do MPLA e é um autor incluído no cânone da literatura angolana, já Ondjaki, com 28 anos, nasceu num país já independente e faz parte da nova geração de escritores angolanos.

O romance de Pepetela tem sua primeira edição mimeografada e distribuída pelo Serviço de Cultura da MPLA. Inicialmente, a obra era um conjunto de textos com objetivos pedagógicos, Pepetela escrevia os textos para servirem de apoio ao ensino das crianças da frente leste da luta de libertação. A narrativa, que se passa durante a guerra de independência, nos apresenta o olhar de um menino órfão, Ngunga, em direção a uma conturbada Angola como promessa de um país livre, um olhar do interior de Angola. Pepetela apresenta Ngunga logo na segunda página do romance:

“Ngunga é um órfão de treze anos. Os pais foram surpreendidos pelo inimigo, um dia, nas lavras. Os colonialistas abriram fogo. O pai, que era já velho, foi morto imediatamente. A mãe tentou fugir, mas uma bala atravessou-lhe o peito. Só ficou Mussango, que foi apanhada e levada para o Posto. Passaram quatro anos, depois desse triste dia. Mas Ngunga ainda se lembra dos pais e da pequena Mussango, sua irmã, com quem brincava todo o tempo.” (Pepetela, 1981, p. 6)

“Bom dia camaradas”, segundo Ondjaki, é uma “quase autobiografia”, pois no romance ele recupera sua própria infância vivida nos anos 80, período de guerra civil em Angola. Então, temos um

outro país, temos um outro menino, Ndalú, olhando de um outro lugar, Luanda, a capital de Angola. Ndalú, que narra o romance, já começa a história a indagar sobre as diferenças entre Angola-colônia e Angola-livre:

“Mas, camarada António, tu não preferes que o país seja assim livre? (...)

– Menino, no tempo do branco isto não era assim...

Depois, sorria. Eu mesmo queria era entender aquele sorriso. Tinha ouvido histórias incríveis de maus tratos, de más condições de vida, pagamentos injustos, e tudo mais. Mas o camarada António gostava dessa frase dele a favor dos portugueses, e sorria assim tipo mistério.” (Ondjaki, 2003, p. 13)

“As aventuras de Ngunga” tem como tema central – que sustenta os objetivos da própria nação angolana – o novo, o futuro, um novo homem para um novo país. Nesse sentido Ngunga é um menino-homem, corajoso e disposto a enfrentar qualquer perigo pelo seu país. O contexto de guerra faz aquela criança, sozinha a caminhar pelo interior do país, amadurecer, por isso Ngunga diz não ser mais criança: “*Eu não sou crianças – cortou o Ngunga. – Se houver um ataque, não vou chorar nem fugir. Se tiver arma, faço fogo. Se não tiver, posso carregar as armas dos camaradas.*” (Pepetela, *op. cit.*, p. 20).

Da mesma maneira corajosa com a qual quer participar da luta, Ngunga questiona o posicionamento de alguns líderes, que parecem estar mais interessados em lucrar com a sua posição na guerra do que fazer a independência do país. A figura do presidente Kafuxi,

(presidente porque era responsável pela população de uma série de aldeias) mostra esse egoísmo ao esconder a comida dos guerrilheiros, egoísmo que faz Ngunga se questionar com relação aos adultos e ao próprio movimento:

“Ngunga pensava, pensava. Todos os adultos era assim egoístas? Ele, Ngunga, nada possuía. Não, tinha uma coisa, era essa força dos bracitos. E essa força ele oferecia aos outros, trabalhando na lavra, para arranjar a comida dos guerrilheiros. O que ele tinha, oferecia. Era generoso. Mas os adultos? Só pensavam neles. Até mesmo um chefe do povo, escolhido pelo Movimento para dirigir o povo. Estava certo?” (Pepetela, 1981, p. 15)

Mais tarde, Ngunga descobrirá que também existem crianças egoístas e más, o que poderia prejudicar o futuro do país. Seu colega na escola, Chivuala, estava sempre fazendo algo para o prejudicar, se não conseguia, batia nele. Mas a idéia de que os adultos é que eram realmente pessoas ruins, não abandonava Ngunga:

“Chivuala deu-lhe uma chapada. Ngunga suportou-a e atacou também. Chivuala era mais velho e bateu-lhe. Ngunga caiu. Chivuala começou a dar-lhe pontapés por todo o corpo, até se cansar. A luta foi silenciosa, por isso ninguém notou. Chivuala saiu de casa, deixando Ngunga estendido no chão, um fiozinho de sangue nos lábios. (...) — O Chivuala já é quase um homem. É por isso que começa a ficar mau e invejoso” (*Id., ibid.*, p. 28-9)

A vida de Ndalú, personagem central de “Bom dia camaradas”, é bem diferente da vida de Ngunga. Apesar de viver na época da guerra civil, Ndalú morava em Luanda enquanto a guerra, na verdade, destruía o interior do país. Em várias entrevistas

Ondjaki afirmou que em Luanda sentia-se os efeitos colaterais da guerra – falta de água, falta de luz, racionamento de alimentos –, mas vivenciou apenas quatro dias de batalha na capital. De todo modo, o país vivia em função da guerra:

“Nós ficávamos um bocado aborrecidos com as notícias, porque era sempre a mesma coisa: primeiro eram as notícias da guerra, que não eram diferentes quase nunca, só se tivesse havido alguma batalha mais importante, ou a UNITA tivesse partido uns postes. (...) Depois tinha sempre algum ministro ou pessoa do birô político a dizer mais umas coisas. Depois vinha o intervalo com a propaganda das FAPLA.” (Ondjaki, *op. cit.*, p. 26)

O amadurecimento percebido em Ngunga também é visto em Ndalú, que apesar de se chatear com o noticiário, mostra interesse quando seu pai explica a situação do país e compreende complexos posicionamentos, como os ataques da África do Sul. A longa citação abaixo se faz necessária, já que evidencia a compreensão que Ndalú tem da situação:

“Também se aprendia muita coisa, porque a propósito disso, por exemplo, do ANC, é que meu pai nos explicou quem era o camarada Nelson Mandela, e eu fiquei a saber que havia um país chamado África do Sul onde as pessoas negras tinham que ir para casa quando tocava a campainha às seis da tarde, que elas não podiam andar no machimbombo com outras pessoas que não fossem negras também, e até fiquei espantado quando o meu pai me disse que esse camarada Mandela já estava preso há quase seis anos. Foi também assim que percebi porquê que os sul-africanos eram nossos inimigos, e que o facto de nós lutarmos contra os sul-africanos significava que nós estávamos a lutar contra ‘alguns’ sul-africanos, porque de certeza que essas pessoas negras que tinham um machimbombo especial para elas não eram

nossas inimigas. Então também percebi que, num país, uma coisa é o governo, outra coisa é o povo.” (*Id., ibid.*, p. 26)

As dúvidas de Ndalú também são resultantes da relação com o outro, mas são de natureza diferente das de Ngunga. O contato com uma tia vinda de Portugal faz Ndalú perceber que as estruturas dos países não são iguais. Espantado com a quantidade de chocolates e batatas que a tia trouxera, Ndalú tenta, mas não consegue entender como a tia comprou tanta coisa. Em Angola as pessoas tinham um cartão de abastecimento, que limitava a compra de comida, Ndalú não sabia que em Portugal isso não existia e não acredita na tia:

“— Mas eu faço as compras que quiser, desde que tenha dinheiro, ninguém me diz que levei peixe a mais ou a menos...  
— ninguém? — eu estava mesmo espantado, mas não muito, porque tinha a certeza que ela estava a mentir ou a brincar. — Nem tem um camarada na peixaria que carimba os cartões quando levantas peixe à quarta-feira?” (Ondjaki, 2003, p. 47-8)

Apesar das duas narrativas terem como personagens centrais duas crianças, a relação com adultos é encontrada nas duas obras e tem algum destaque. Destacamos em *As aventuras de Ngunga* a relação do menino com o professor União, já em *Bom dia camaradas* os diálogos entre Ndalú e António, empregado de sua casa. Apesar dessas personagens adultas não serem ‘mais velhos’ representam, de alguma forma, um passado. Retomando as palavras de Laura Padilha: “*Não há novo sem velho, ainda mais quando se trata de*

*reelaborações do inconsciente coletivo de um povo africano.”*

(Padilha, 1995, p. 142) e ainda com Laura Padilha:

No momento em que a nova narrativa angolana resgata as múltiplas possibilidades abertas pela interação de mais novos e mais velhos, ela se faz também iniciática, no sentido em que, por se alimentar das práticas autóctones, refunde tais práticas, integrando-as ao mundo novo que se começa a construir. Retece-se então a teia antiga e, uma vez mais, os fios imagísticos da infância e da velhice – ou de mais novos e mais velhos -, retrançando-se, criam uma das malhas mais consistentes do tecido ficcional angolano. (Padilha, p 143)

Com o professor União, Ngunga aprende muito mais do que é ensinado em uma escola, ele aprende valores e reconhece naquele adulto alguém que ele gostaria de ser. Com António, Ndalú aprende sobre o passado do seu país, sobre a Angola-colônia, aprende que existem opiniões diversas sobre aquela época.

As duas obras nos dão noções diferentes sobre Angola. Enquanto a narrativa de Pepetela, que se passa no interior, mostra a face dura da guerra de independência pelo olhar cheio de esperança de Ngunga. Ondjaki conta um pouco a sua história tendo como pano de fundo a guerra civil. Além do período da narrativa, a abordagem e os focos são diferentes. Mas ambas contribuem para o conhecimento da história do país.

Muito ainda teria para ser dito sobre Ngunga e Ndalú, mas gostaria de terminar com as palavras de Pepetela e Ondjaki sobre suas personagens, e de alguma forma sobre a finalidade delas. Para Pepetela, Ngunga é sem dúvida um herói de sua pátria, na medida em

que o concebeu como tal: *“Tão herói, tão herói, que até desaparece, não se sabe mais dele. Portanto, não se corrompeu, como outros que se consideram ou consideraram heróis”*. Já Ondjaki coloca em destaque a inocência de Ndalú, que, no entanto, *“vê as coisas de modo certo”*. Ondjaki apostou *“mais nas verdades bonitas, em torno da ternura, que nas verdades que fossem buscar dores”*.



## Referências Bibliográficas

CHAVES, Rita. *A formação do romance angolano*. São Paulo: FBPLP/FFLCH-USP, 1999. (Via Atlântica).

ODJAKI. *Bom dia camaradas*. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.

PADILHA, Laura Cavalcante. *Entre voz e letra – o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX*. Niterói: EDUFF, 1995.

\_\_\_\_\_. *Novos pactos, outras ficções: ensaios sobre literaturas afro-luso-brasileiras*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

PEPETELA. *As aventuras de Ngunga*. São Paulo: Ática, 1981.

SEPÚLVEDA, Maria do Carmo; SALGADO, Maria Teresa (Orgs). *África e Brasil: Letras em Laços*. Rio de Janeiro: Atlântica, 2000.